

FERNANDO DE BARROS E SILVA

Cidade limpa?

SÃO PAULO - Aumentou o número de mendigos nas ruas do centro de São Paulo. É a sensação generalizada de quem mora ou trabalha na região. Provavelmente, isso está ligado à atuação da Secretaria de Assistência Social, título algo irônico diante da política conduzida pela pasta da vice-prefeita de Gilberto Kassab, Alda Marco Antonio.

A gestão Alda-Kassab está fechando os albergues no centro. Foram desativadas desde 2008 duas grandes unidades que abrigavam a população de rua — o Jacareí e o Glicério, com 700 leitos, mas que na prática acolhiam mais gente. Ainda está previsto o fim de pelo menos duas outras unidades, o que significará a perda de novas 500 vagas.

Há uma orientação clara da prefeitura para transferir os esfarrapados para regiões afastadas, sobretudo para a periferia da zona leste. A medida tem se revelado um tanto desastrosa. Entidades que trabalham na assistência aos desvalidos acusam Kassab de promover uma política de higienização no centro. Mas talvez nem isso ela seria, uma

vez que o efeito é o contrário. O que temos é uma espécie de higienização tabajara. Incapaz de lidar com o drama da população de rua, a prefeitura parece apenas tirar tudo de quem já não tinha nada.

Conforme relatos a este colunista, a própria Polícia Militar está contrariada com o agravamento do problema. A PM acaba sendo convocada para tarefas que não lhe são intrínsecas diante da falência das demais políticas públicas.

Nos arredores do largo do Arouche e da praça da República, ao longo das avenidas Duque de Caxias e São João nota-se sem muito esforço que cresceu a massa de miseráveis largados à própria sorte. Mas nada se compara à degradação disponível sob o Minhocão. Escuro, úmido, poluído, barulhento, fedido, o terrível viaduto se tornou uma espécie de albergue ao ar livre da vida cronicamente inviável. É uma imagem que só um abandono do tamanho deste que as elites paulistanas promoveram no centro da cidade seria capaz de proporcionar.

FERNANDO RODRIGUES

Subterrâneos tucanos

BRASÍLIA - Na superfície há uma onda sobre a possibilidade de ainda vir a ser formalizada a chapa presidencial tucana puro sangue com José Serra e Aécio Neves. No mundo subterrâneo do PSDB as coisas não andam assim tão claras.

Na semana que termina hoje, houve uma série de telefonemas entre atores políticos relevantes e Aécio Neves. O governador mineiro está, em tese, fora da disputa presidencial. Vai concorrer apenas ao Senado. Mas na pauta de suas conversas estiveram os seguintes temas: a deslanchada de Dilma Rousseff (PT) nas pesquisas, a desidratação da candidatura Serra e o ânimo do paulista em se manter na disputa. Falaram com o tucano, para citar apenas dois, Ciro Gomes (PSB) e Michel Temer (PMDB).

Indagado por Aécio se estava mesmo mantendo-se candidato a presidente pelo PSB, Ciro Gomes respondeu: "Só se você não for". Já Michel Temer, sempre mencionado como o possível vice numa chapa encabeçada por Dilma Rousseff

(PT), disse ao mineiro: "Se você entrar, o quadro muda".

No PSDB há hoje um quarteto no comando. Além de Serra e de Aécio, apitam no tucanato os senadores Tasso Jereissati (CE) e Sérgio Guerra (PE), o último presidente da legenda. Jereissati tem suspeitas sobre a firmeza da candidatura de José Serra por causa da aproximação de Dilma Rousseff nas pesquisas. Guerra também já demonstrou o mesmo temor em privado.

Tudo somado, Serra tem ao seu lado muito mais gente pensando que ele vai desistir do que apostando na possibilidade remotíssima de Aécio aceitar a vaga de vice. Nesse cenário, o mineiro parece estar a postos para novamente ser candidato ao Planalto, com Ciro Gomes ao lado. Seria a primeira chapa presidencial pós-Lula e pós-64.

Não é à toa que Aécio usa às vezes a palavra bumerangue quando comenta sua desistência da corrida presidencial a favor de Serra.

fernando.rodrigues@grupofolha.com.br